

**Veículo: Jornal do Comércio (RJ)**

**Data: 02/04/2007**

Edição Impressa

Mercados

## **Volatilidade poderá definir a melhor ação**

*Variação acentuada do título é sinal de maior possibilidade de perdas para aplicador*

BRUNA CROCE  
DO JORNAL DO COMMERCIO

Instrumentos cada vez mais próximos dos investidores, as análises de risco de títulos são fundamentais na hora de montar uma carteira de investimentos. O risco de um título não projeta os ganhos do papel, mas sim a possibilidade de perdas. Isso é feito baseado em um histórico de oscilações do preço do ativo. Dessa forma, o investidor pode montar uma carteira e adequá-la à exposição de risco aceita. A medição do risco é ainda mais imprescindível para os investidores que têm carteiras muito alavancadas.

Hoje, com a expansão do mercado de renda variável, muitos investidores procuram instrumentos de medição de risco para avaliar suas carteiras. O que já era feito no mercado por assets e instituições financeiras, principalmente no mercado de renda fixa. "A análise de risco não busca indicar se o preço de uma ação pode subir ou cair, mas sim apontar as ações que possuem mais variabilidade no seu preço", explica Carlos Frederico Wernek, analista da Cyrnel Internacional, empresa que oferece consultoria e soluções de software para gestão de investimentos.

O professor do instituto de pós-graduação e pesquisa em Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Coppead), Eduardo Facó Lemgruber, explica que esses instrumentos traduzem para o investidor o quanto eles podem perder numa carteira, em um determinado período de tempo. "A análise de risco é completamente diferente da análise fundamentalista. Ela deve ser utilizada apenas como um instrumento de medição para assessorar o investidor a identificar o potencial de perda da carteira, nunca como instrumento para a escolha dos papéis", diz.

A medição do risco passa a ser ainda mais importante para investidores que têm carteiras muito alavancadas ou que operam com ativos de maior grau de risco, como opções e contratos futuros. "O que antes poderia ser uma perda ou ganho ligeiramente superior à variação do índice, agora pode representar uma completa catástrofe", explica Wernek.

A análise do risco baseia-se no passado. Já a projeção de valorização de um determinado ativo, tanto na análise fundamentalista quanto na análise gráfica, formas utilizadas pelo mercado, está mais sujeita a modificações ao longo do tempo, devido ao grande número de variáveis imprevistas que podem ocorrer.

O conceito de risco de mercado está diretamente ligado à volatilidade dos papéis, diz Lemgruber, do Coppead. "Uma ação mais volátil acaba se traduzindo em uma ação mais arriscada", completa Wernek, da Cyrnel Internacional. Especialistas recomendam que o investidor use o instrumento de medição de risco em conjunto com a estimativa de preços da análise fundamentalista para, assim, montar uma carteira sólida e com perdas aceitáveis pelo perfil do aplicador.

De acordo com o estudo feito pela Cyrnel Internacional, os dez papéis que têm maior risco do Ibovespa são Cyrela ON, Cosan ON, Submarino ON, Net PN, Vivo PN, Gerdau PN, Usiminas PNA, CSN ON, Klabin PN e Gerdau Metalúrgica PN. Esses são os papéis que mais apresentam variabilidade de seu preço em relação ao Ibovespa. O estudo mostra que uma carteira composta apenas por Cyrela é 3,56 vezes mais arriscada do que a carteira teórica do Ibovespa.